



Director literario:

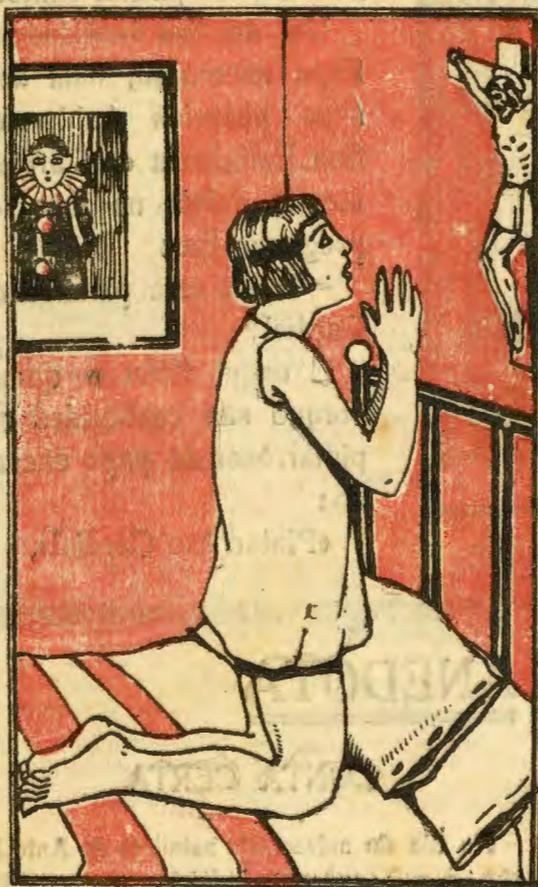
Augusto de Santa-Rita
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE



E que o dia amanhã
Não esteja a chover,
Nasça linda a manhã,
Que é para eu poder
Ir brincar, aos soldados,
Pró jardim!

Que o Menino Jesus, de quem eu gosto tanto,
Perdôe os meus pecados!...

Que o meu Anjo da Guarda olhe por mim
E faça que me não ladre
O cão,
Mausão,
Do compadre
Da Mariana
Casquilho,
Quando eu passar, por *ele*, catrapus... catrapus...
A cavalo na cana!...

Em nome do Padre,
Do Filho
E do Espirito-Santo;

Amen, Jesus!

AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de

EDUARDO MALTA

Final da Reza

de um Menino bonito

QUE o Menino Jesus, por muitos anos,
Dê saúde à mamã,
Ao papá e aos manos.



O Cardial e o Pintarrocho

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES
Desenho de EDUARDO MALTA

ERA uma vez um Cardial que tinha encarado numa gaiola doirada um pintarrôxo de papo encarnado.

Era o primeiro que assim aparecia. Ainda se não tinha visto um Pintarrôxo tão bonito. A fora das suas orações, o lindo passarinho era a sua preocupação.

O Cardial e santo velhinho, todos os dias, assim que se levantava, tinha por seu primeiro cuidado de pendurar numa frondosa árvore do jardim do Vaticano, a sua doirada gaiola com o seu pintarrôxo, o



qual, com cristalinos gorgieios, chamava para junto do seu poleiro todos os passarinhos que andavam esvoaçando pelas árvores, em flôr, dos jardins santos.

Um dia Sua Santidade o Pápa encontrou, num dos seus passeios habituais, Sua Eminência o Cardial com a gaiola na mão, e perguntou-lhe:

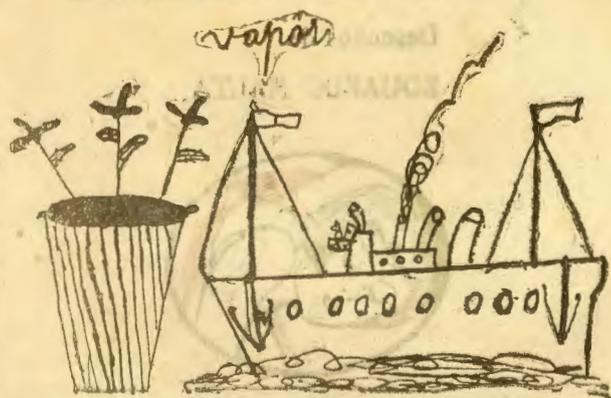
— É teu, esse pintarrôxo, Cardial?

É daqui ficou o nome porque são conhecidos os pintarrôxos de papo encarnado:

«Pintarrôxo Cardial».

Colaboração infantil

Amândio F. M. e Carlota
de 7 anos
Perto



ANEDOTA

CONTA CERTA

No dia do aniversário natalício do Antoninho, a avó, que vem visitá-lo, pergunta-lhe toda babosa:

— Então, quantos anos faz hoje o meu Antoninho?

— Faço nove, responde o pequeno desembaraçadamente.

— Tu estás patêta? Então não te lembras de que no ano passado fizeste quatro anos? Este ano fazes cinco.

Antoninho, com uma lógica de ferro:

— Pois é isso mesmo: quatro, que fiz no ano passado, com cinco que faço este ano, — quatro e cinco: nove!

Carlos Pedro da Silva

Correspondencia

Noemia Franco da Cruz—Recebi o postal. Já não me lembro em que série vinham os teus trabalhos. As anedotas são engraçadíssimas! E se eu lhes fizesse uns bonecos?

Adelaide Henriques Pires—Minha amiguinha, não chores que também vais... para o concurso... la dando em maluco por causa do conto... Manda-me mais coisas muito engraçadas. Sim?

Maria Amélia dos Santos—A história do carequinha está muito engraçada... E' para publicar ou para concurso?

Mario Marques de Magalhães—Os desenhos a lápis também tem valor, mas não se podem reproduzir tão facilmente como os que são a tinta. Percebes?

Conceição e Natividade Maria d'Almeida Martins—Faziam-nos grande favor, se quando terminasse o concurso nos pedissem os trabalhos. São tantos...

Maria Eduarda de Carvalho—Os versos estão muito bem feitos e vão para concurso. A que série pertence?

Jodo Augusto da Fonseca e Silva—O sr. Santa-Rita diz que sim. Eu agradeço o vivóóó...

Baldomero Herrera Tavora—Recebi a história "Dalton e Mari" que enviaste, mas como é muito grande e um pouco fraquinha, não se pode publicar. As anedotas, sim. O desenho do passarinho era copiado.

Fernando Leal Cunha—Creio que já não há o n.º 1. Em todo o caso o teu pedido vai para a Administração.

Já cá temos uma adivinha no mesmo género da que mandaste.

Dulcídio da Cunha Semedo—O assunto não me dizia respeito, mas como se dirigiu a mim na sua ultima carta, dou-lhe a minha resposta:

Não tem que estranhar demorar tanto tempo, porque há-de concordar que temos muito em que pensar...

Estão em poder do Sr. Santa Rita os seus versos e não sei qual o destino que ele tenciona dar-lhes. Talvez fossem para Concurso.

X—Recebi o desenho do guerreiro. Irá para concurso quando nos disser a serie.

Armando Santos—Manda as histórias que quiseres. A outra foi para concurso.

Jork e Lencastes—Recebemos a sua produção. O seu pedido foi para a Administração.

Celeste—Tem a sua sobrinha muita razão. Ou nós não fossemos primos... Não me julgava merecedor de tão belas palavras, que muito agradeço.

Acerca dos seus versos, já li uns sobre a mesma ideia não me lembro onde, mas terei muito gosto em illustra-los se estiverem nas condições.

Mande-me mais coisas.

Sim.

TIOTÓNIO



Biblioteca Pim-Pam-Pum

— Mamãzinha, pedes ao papá que me faça assinante da Biblioteca Pim-Pam-Pum?

— Sim, meu querido filho; O papá já encomendou uma à administração do Século.

— Então, toma lá muitos beijinhos!

Concursos do PIM-PAM-PUM!

Reune esta semana o júri constituído para a apreciação dos originais literarios e artisticos enviados aos nossos 3 concursos de Poesia, Conto e Desenho.

Devido à grande abundancia de provas só no nosso numero de 6 de Abril proximo, poderemos publicar as respectivas classificações.

Continuaremos, entretanto, a acusar a recepção das séries recebidas:

Serie A

Alberto Emilio Pinto Coutinho, Alberto Dias Pereira, Antonio Augusto Chagas, José Cabral Cardoso Araujo, Maria Alice Ferreira Neves, Maria Amélia Palhão Pinto, Maria Luiza e Daniel Arriaga Ferreira, Valentim Santos Pinheiro, José de Figueiredo Espinho, Eurico e Joaquim Vasco, Arminda Gomes Barbosa, C. Vieira da Rocha, Manuel e Joaquim Valente Arnaud, Alvaro de Mendonça e Moura, Virginia Martins Rodrigues, Orlando Callaça, Manuel Francisco Lança Cordeiro, Adelia Tereira da Silva, Maria Cesarina Martins Tavares, Maria Amélia S. B. Mario Fernandes Vilar, Manuel Oliveira Cordeiro, Maria Bela Jardim de Carvalho, M. de L. Buceta Ferreira dos Santos, Carlos Pinto, Joaquim Laranjo Junior, Maria Ferreira Fernandes, Lili Ferreira, Antonio Dias Pereira, Antonio Fernandes da Fonseca, Alberto Osorio, Rei Juno, Joaquim Francisco Nunes, Maria Emilia Pereira Costa, João Ferreira Pinto, Maria Escolastica Faustino, Afonso Magalhães Dantas da Gama, Joaquim Pinheiro Queimado, Carlos e Vitoria Moraes, Helena Correia Vieira, Maria da Conceição Machado, José Pereira Nunes de Carvalho & C.ª

Serie B

João de Deus Rodrigues, Beatriz E. Raposo Silva, José da Costa Braga, Carlos Amílcar F. da Luz Silva, José Francisco Viegas, Maria Luiza e Silvina Girão, José Augusto Ferreira de Sousa, Paulino Franco Ribeiro, S. Ribeiro, Antonio Esteves de Carvalho, Diniz Mendes Boga, Antonio da Lacerda Nobre, Ma-

rio Brandão Soares, Jorge Almeida, Antonio F. da Fonseca, Jaime Borges.

Manuel Athayde, Lucia Gamilho, José Tavares Teles, Horacio Gamião dos Santos, Renato Ferrão, Maria Corrêa, Armando Parada e Sousa, Carlos Pedro da Silva, Francisco Fariña Nobre, Augusto Antunes de Carvalho, Joaquim Martins Corrêa, Antonio Damaso da Silva, Adelia Nobre, Vergilio da Ponte Nunes, Conceição de Almeida Martins, Miosotis, Amadeu Augusto Lopes, Janeiro Antonio Guerra, Armando dos Santos, Ermínio Flora Bento, Celestino dos Santos Amaro Junior.

Serie C

Albano Dessa, Maria Celeste, Silva Parracho, Amélia Palhão Claro, João Fernandes (Vifranjo), Francisco dos Santos Galo, Maria L. R. Ribeiro, Adelina L. C. Oliveira, Marco Antonio.

Anselmo do Santos Ferreira, Eurico da Cruz, Joaquim Ferreira Mendes, Tomas Ripês, Maria Laçalete, Emilia Gonçalves França, Teresa Julia do Carmo, Maria José da Silva Nunes, Antão de Moraes Gomes, Martinho Rebelo, Maria do Carmo Dias Monteiro de Barros, Maria do Céu, Fernando de Moura, Celeste M. Leitão, Pedro Carreira Dias de Souza, Inocência Ficarra Fernandes.

Falta saber a série aos seguintes concorrentes:

Carmen e Julietta de Castro Herandés, Emilia Guerra, Paulino Anastacio, Manuel Romero Vaz Velho.



HISTÓRIA DE PÉROLINHA

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES

Desenhos de EDUARDO MALTA

ERA uma vez uma menina chamada Pérolinha, linda como os amores. Tinha apenas doze anos; doze anos que haviam decorrido, para ela e seus papás, na mais viva alegria.

Fidalgos de alta linhagem, em suas veias circulava o nobre sangue azul de mistura com esse outro, vermelho, igual ao nosso. Pérolinha vivia no mais lindo palácio que possa imaginar-se, rodeada de um suave conforto, pois satisfazião-lhe todas as vontadinhas os seus papás que não viam outra coisa no mundo, tal o amor que lhe tinham. E era bem merecedora, porque Pérolinha só se sentia bem rodeada de pobresinhos, a quem constantemente distribuía dádivas. Todos os dias lhe batiam à porta do palácio, mendigos e mendigas que eram sempre atendidos. Ela própria lhes abria a porta e, então, contava-os um a um, assentando num livrinho de capa dourada quantos eram, para se não esquecer e para não ter que andar o mesmo caminho muitas vezes, pois tinha sempre o cuidado de os fazer entrar para uma salêta em casa do seu jardineiro. Se eram poucos esperava um momento que viessem mais e, quando já tinha a sua conta, corria muito contente a dizer à rica mamãzinha quantos estavam lá. Depois era vê-la a pular de alegria com o seu lindo cabazinho cheio de prendas, e a distribuí-las pelos seus queridos pobres que, de verdade, eram também muito seus amiguinhos. Sim, minhas meninas e meus meninos, eram prendas que a Pérolinha dava aos seus pobres, pois seu papá havia-lhe ensinado que se não devia dar aos pobres por esmola e que os ricos tinham por dever auxiliar a Pobreza. A menina nunca se esqueceu do que

ele lhe ensinara e, dia a dia, aumentava o número dos seus pobresinhos.

Por fim, já não podendo com tanto trabalho, resolveu pedir licença ao papá para levar para o palácio uma das suas pobresinhas a fim de a ajudar naquela árdua tarefa



que já muito a havia fatigado. Obtido o consentimento, Pérolinha levou para junto de si uma menina pobresinha de quem era imensamente amiga e que lhe servia, agora, de muito para, nas horas vagas, brincar com ela no jardim.

Um dia, Pérolinha foi contar os seus pobresinhos. Eram dez. Assentou, na forma do costume, no seu livrinho dourado para se não esquecer e logo em seguida foi encher o cabazinho de prendas para as distribuir. Entretanto, deu por falta de prendas para mais um. Então, Pérolinha sem olhar para a fisionomia do homem, que vira bem ser muito necessitado, disse-lhe assim: — Espere um pouco irmãozinho; eu volto já... Mas ao tornar, muito contente, de cabazinho no braço, ficou pasmada porque, em vez do homem que lá tinha deixado à sua espera, apareceu-lhe uma velha muito feia

que lhe fez horribéis carêtas. Tanto medo teve a Pérolinha que caiu no chão, desmaiada. Quando voltou a si, encontrou-se no colo da sua mamãzinha, à qual contou que quando ia a entregar as prendas à pobre, esta lhe fizera carêtas muito feias, desaparecendo misteriosamente.

A mamãzinha ficou muito intrigada e à noite quando o marido chegou de uma caçada, que havia durado três dias, contou-lhe o que se havia passado. O papá de Pérolinha não tornou mais à caça e já nem sequer saía do palácio, pois encontrava qualquer coisa de extraordinário na história da velha que havia desaparecido, à vista da menina, deixando-lhe as prendas no seu cabazinho.

Passaram-se alguns dias sem que nada de anormal houvesse acontecido no palácio. Até que, certa noite, à hora do jantar, Pérolinha deu um salto da cadeira e ficou muito assustada. Os papás também se afligiram muito por verem o estado de excitação em que Pérolinha ficara, mas, sem perceberem o que dera causa a tão grande susto, perguntaram-lhe: — «O que foi, minha filha, que te aconteceu?!... Socega; não é nada...» A Pérolinha, muito pálida, respondia a tremer: — «Então não ouviram uma trovão?!... Entretanto, os papás da menina, socegavam-na: — «Não, não ouvimos nada; a noite está muito serena, a atmosfera muito límpida, há luar e estrelas, não faz trovoadas». Mas Pérolinha insistia: — «Eu bem ouvi, papásinho, e estou com muito medo da velha que me assustou tanto outro dia!» Foram chamados todos os criados do palácio que eram muitos e nenhum declarou haver notado coisa alguma. Só Pérolinha afirmava ter ouvido distintamente.

Desde então foi a menina guardada por todos no palácio e, naquela noite, os papás de Pérolinha velaram o só-no inocente da sua linda filhinha que só acordou alta manhã e ficou muito admirada de, àquela hora, ver no seu quarto aqueles que mais a adoravam.

Assim que acordou, Pérolinha perguntou-lhes se haviam ali ficado toda noite e, ao ter resposta afirmativa, se não tinham visto entrar no seu quarto uma menina muito bonita com azas muito branquinhas, que quasi lhe chegavam aos pés, — «Não, não vimos!» responderam os pais de Pérolinha que retorquiu:

— «Pois eu vi e falei com ela.» — «E que te disse essa menina muito bonita?! acrescentaram os seus papás.

— «Não me lembro bem, mas... espere um pouco...» e fazendo um esforço de memória, disse, muito contente, dando uma

palmadinha na testa: — «ah, já me recordo!... Olhe, deu-me muitos bombons a comer pela sua mão e tenho aqui mais debaixo do travesseiro. Pérolinha ofereceu, então, duas lindas caixinhas com bombons, uma a seu papá e outra a sua mamã.

— «Que se passou mais?!...» perguntou-lhe o papá, cheio de interesse. Entretanto, Pérolinha explicava: — «Aquela menina que parecia a figura de um Anjo, disse-me que quando eu precisasse alguma coisa comesse um bombom e... e não me lembro de ter dito mais nada.

— «Então; come um bombom a ver se te lembrás do que o Anjo te disse mais.» tornou o papá, tirando da sua caixinha um bombom que lhe deu a comer. Mal o poz na boca, logo a menina se lembrou do mais e lhe contou assim: — «Disse-me que aquela velha, muito feia, me queria levar para o Inferno mas que não tivesse eu medo, pois o Anjo me guardaria. Agora já não tenho medo da velha; tenho aqui uma varinha muito bonita, que o Anjo também me deu. Então, mostrou a seus papás a varinha que tirou debaixo do travesseiro, dizendo: — «Esta é a varinha da fada-protetora das meninas de bom coração. E disse-me o Anjo, mais, que quando a velha me

aparecesse lhe mostrasse a varinha, que era o bastante para ela logo desaparecer e nunca mais me apouquentar. O anjo também me disse que convidasse os meus pobres, que os reunisse na sala de baile e lhes desse uma festa em sua honra.

Com a permissão de seu papá, Pérolinha reuniu logo, naquela noite, todos os seus pobresinhos e, depois de os ter sentado à sua meza, foi-lhes servindo um opíparo jantar. Assim que os pobresinhos acabaram de comer a sobremêza, servida em fruteiras de prata, e de beber o «champagne», em ricas taças de ouro, Pérolinha conduziu-os à sala de baile onde, ao som de uma linda música, começaram dansando muito animados.

Pérolinha não cabia em si de contente, e seus papás compartilhavam da sua imensa alegria.

— «Bateram à porta...» disse Pérolinha, entretanto. Contudo ninguém tinha ouvido bater. A menina continuava afirmando que sim, que haviam batido. E lá foi... seguida pelos criados, por seu papá e por sua mamãzinha, a ver quem batia. A porta não estava pessoa alguma, apenas o gato do jardineiro brincava com a sua própria sombra.

Voltaram à sala de baile, onde, súbitamente, no meio do turbilhão dos pobresinhos que dançavam, Pérolinha



descobriu a velha, a velha muito feia, a dar cabriolas muito exquísitas.

— «Não vêem... não vêem?!...» gritava a menina numa grande aflição. — «O quê?!...» disse o papá. — «A velha a dar cabriolas no meio dos meus pobresinhos?!» — «Não, não vimos!...» tornavam os papás da menina, enquanto Pérolinha, resoluta, se aproximava da velha, sem se lembrar que a sua varinha de condão estava nas mãos da pequenita, sua amiga, que naquêl momento se encontrava na sala contígua. Então, a velha correu para ela que, ao dar pela falta da varinha, quiz fugir mas já não poudo. E agarrando-a, apossando-se de Pérolinha, a feia velha levou-a comsigo, sumindo-a, sem ninguém vêr. Quando deram pela sua falta, todos gritavam muito aflitos; a mamãzinha da menina desmaiou e levaram-na para o seu quarto. O papá corria como um louco por todos os cantos do palácio. Os criados, também muito aflitos, como é de calcular, procuravam por toda a parte, não encontrando vestígios da Pérolinha desaparecida.

Nisto, appareceu a pequena amiga da menina, com a varinha na mão e logo um criado lha tirou, dizendo: — «Apresenta-me aqui já a minha rica menina!» Não deu resultado; a varinha nada fez. O papá também pegou na varinha e logo esta saltou para as mãos da amiga de Pérolinha, que disse:

— «Valha-me o Anjo da minha amiguinha!»

De súbito, o Anjo appareceu sem que ninguém o visse, a não ser a pequenita que logo desapareceu também, á vista de todos, como acontecera á Pérolinha.

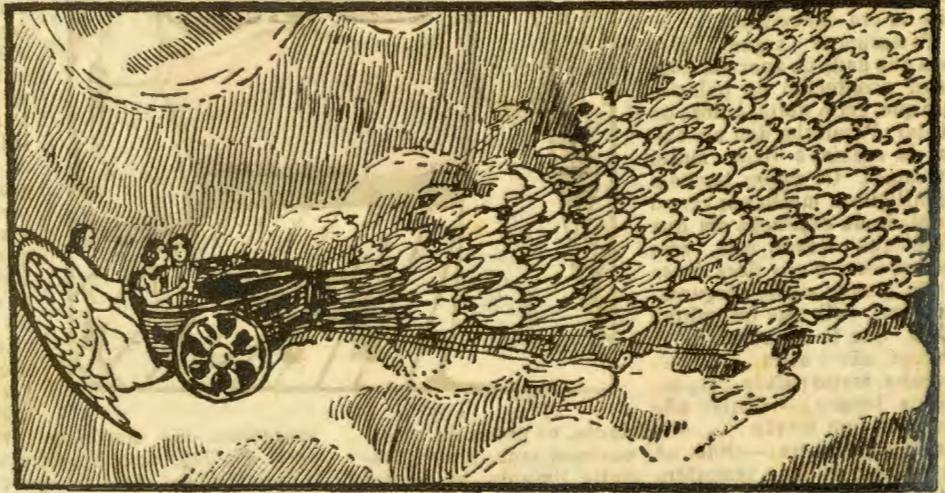
O Anjo ou a Fada protetora das meninas de bom coração, levou a amiga de Pérolinha pelos ares fóra, até que pararam á porta do Inferno.

O Anjo desapareceu e a pequena, conforme lhe tinham ensinado, bateu com a varinha a uma porta de fôgo que logo se abriu. A varinha tornou a pequena invisível e assim correu por todos os cantos a vêr se encontrava Pérolinha. Já cansada de a procurar ia a retirar-se, sem trazer a menina, mas, vendo outra porta fechada, bateu com a varinha e então a porta abriu-se também, sem que os milhares de diabrêtes, que lá estavam dentro, dessem por ela. Só Pérolinha via ali a sua salvadora! A pequena caminhou, então muito cautelosamente, para a sua amiguinha que estava prestes a ser devorada pelas chamas daquêl inferno maldito. E, batendo três vezes com a varinha no chão, logo todos os diabrêtes ficaram imóveis como estátuas de granito. Então, as duas meninas deram-se as mãos e saíram muito contentes do Inferno. Cá fora, esperava-as o seu Anjo protetor que lhes deu um carrinho muito lindo, tirado por cem mil pombas brancas, que as levou até perto do palacio de Pérolinha. As pombas trouxeram o carrinho não se sabe por onde e as duas meninas entraram, finalmente, no Palácio. Pérolinha correu logo ao leito da sua mamãzinha que ficou completamente boa ao dar com os olhos na sua querida menina. O papá parecia ter a idade da sua filha, pelos saltos que dava de contentamento. Vieram todos os criados, não faltando o jardineiro com o pessoal do jardim a felicitar os

papás de Pérolinha pelo seu aparecimento. A menina, rodeada por todos que a estimavam, abraçava a sua amiga, dizendo ter sido ela quem a salvara e contando tudo como se havia passado.

Fizeram-se festas no palácio que duraram um mês inteiro, todos encheram de prendas a casinha dos pais da amiga de Pérolinha, a qual continuou no palacio gozando o mesmo conforto de Pérolinha.

Agora, minhas meninas e meus meninos: — Sejam sempre muito amiguinhos dos seus papás, e dêem sempre um pouco da vossa felicidade àquêles que dela precisam, pois que não deitam nada em saco rôto. Fazer bem e não olhar a quem... foi sempre a divisa de Pérolinha.



Quando se forem deitar,
Toca a camisa a mudar,
Que é para dormirem bem!
Beijem o pai e a mãe;
De manhã, ao levantar,
Vão logo a cara lavar.
E no caminho da escola,
Nada dêem por esmola,
Mas sim por obrigação,
Por amor e devoção;
Senão o Anjo da Guarda
Dá-lhes a cheirar mostarda,
Aquele que assim fizer,
Pode bem acontecer
Vir a sonhar uma vez
Com uma linda Menina,
Cheia de graça divina,
Com asas até aos pés,

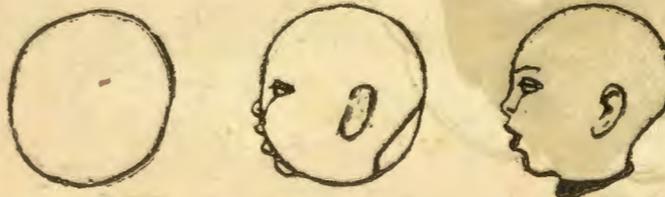
e que lhe lhe dê uma
uma varinha igual à que o Anjo de Pérolinha lhe deu a
ela e que foi a sua salvação.

Apezar de nunca haver feito maldades, a velha
queria levá-la para o Inferno, a ela que era tão amiga
dos probresinhos e a alegria dos seus papás!

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1926.

FIM

LIÇÃO
DE
DESENHO

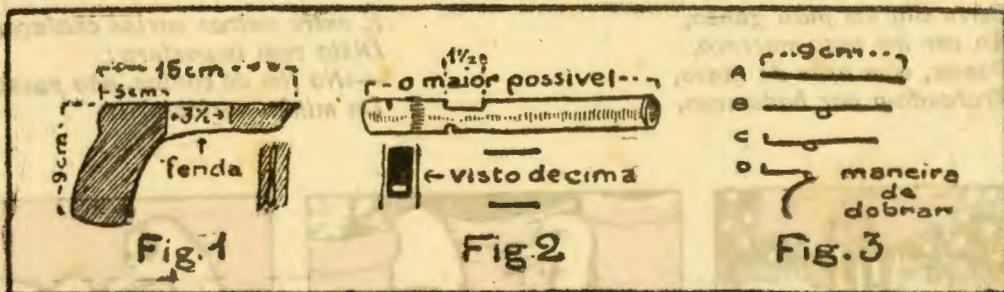


Como se faz a ca-
beça de um menino
careca

HORA DO RECREIO

Engenhocas do Tio-Tónio

UMA PISTOLA



estou a ouvir os papás dos meus numerosos sobrinhos, todos furiosos comigo:

Parece impossível que o Tiotónio venha ensinar a construir uma coisa tão perigosa... Uma pistola!!!

Mas não se assustem que não há perigo!

Estas pistolas, de «um sistema apressadíssimo», só matarão quando nos brincarem aos polícias e ladrões.

Fora disso só servem para... matar moscas...

MATERIAIS

- Um pedaço de madeira com o feitiço e dimensões indicadas na fig. 1.
- Uma cana que seja direitinha, fig. 2.
- Uma barba de espartilho, das de aço.
- Um arame um pouco forte que se dobra da maneira indicada na fig. 3.
- Arame ou cordel, um prego, etc., etc.

MANEIRA DE CONSTRUIR

Era quasi desnecessario explicar-

lhes como se reúnem as poucas peças desta engenhoca, mas para que se não zanguem comigo alguns meninos, com a melhor das boas vontades (só uso destas), aqui o faço.

1.º—Aplica-se a mola de barba de espartilho à cana (A-fig. 4), depois liga-se esta ao cabo da pistola (B) com arame ou cordel forte, sendo de toda a conveniencia o espetar um prego com muito cuidado na parte de traz da cana para não resvalar.

2.º—Coloca-se o gatilho (fig. 3) na fenda do cabo (fig. 1) espetando um prego que atravesse a pistola de lado a lado.

Depois disto é só dar ao gatilho e... Pim! Pam!, Pum!!!

Muito gostaria de saber o que preferem para os ir atendendo conforme poder.

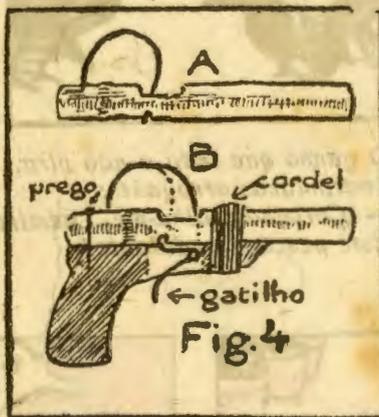
Sabem uma grande novidade? As construções...

Mas que feitiço o meu, não sou capaz de guardar um segredo...

Até à próxima...

Tiotónio

Rua do Século, 43 — LISBOA



Adivinhas

1

E' fina, esguia, pequena,
Faz do papel bailarico,
Tem, sem ser ave, uma pena,
Como as aves molha o bico.

2

Salva a criança atrasada,
Que inda não sabe escrever,
Vive sempre emborrachada,
Sem nenhum vinho beber.

Decifração das anteriôres:

- 1 — Noz
- 2 — Feira

Meus meninos:

Este é o gigante Sarapantaleão que roubou uma menina e cremos que a comeu.

Podem ajudar-me a procurá-la!



O Pato-marreco e o Pato-ganso



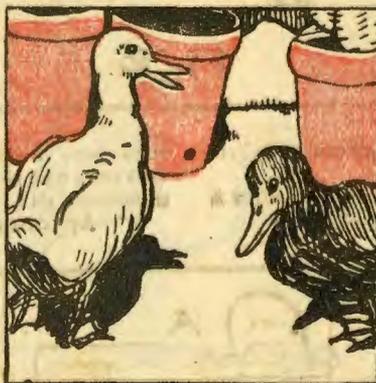
*Certo dia um pato ganso,
Ao ver um pato-marreco,
Pôs-se, com ares de tanso,
Tratando-o por badameco.*



*E entre outras varias chalaças,
Dizia com impostura:
—«No fim de contas, não passas
Da minha caricatura!»*



*O pobre pato, vexado,
Ouvia o ganso insolente;
Entanto, num lago, ao lado,
Vogava um cisne imponente.*



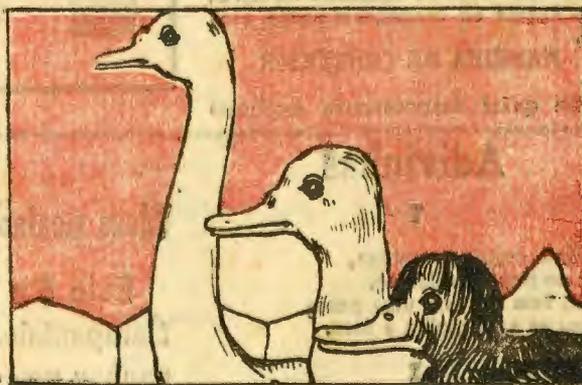
*O ganso que inda o não vira,
Continuava, arrogante:
—«Corcunda, olha-me... admira
Este pescóço ondulante!»*



*E o pato-marreco, então,
Como um desforço, murmura:
—«Tambem tu és, toleirão,
Dum cisne a caricatura!»*



*E envergonhado, fugindo,
Entretanto, o pato ganso,
Ao dar com o cisne lindo,
Deixa o marreco em descanso,*



*Ninguém, cheio de impostura,
Se imagine sem tégua;
Pois que toda a formosura
É relativa, afinal.*